

## Processo participativo para produção de repertório com usuários transgêneros

*Participatory process for repertory production with transgender users*

Rafael Ricarte de Souza, Ana Lúcia A. de O. Zandomeneghi

---

design participativo,  
método participativo,  
transgêneros

Este artigo reflete sobre o design desde seu modelo tradicional do século xx à contemporaneidade, onde se evidenciam novas formas de fazer design. Investiga métodos que ajudam a compor um processo participativo entre usuários transgêneros e designer. É um estudo de caso que se configura no ambulatório de sexualidades anexo do Hospital Universitário Materno Infantil, diante do problema de inadequação entre álbum seriado para planejamento familiar e grupo terapêutico do ambulatório de sexualidade com pessoas transgêneras que utilizam esse material para educação e promoção da saúde. O material que utilizam durante as reuniões não representa a estrutura corpórea da realidade transgênero. Este estudo é uma pesquisa exploratória com revisão bibliográfica sistemática e assistemática que investiga processos estruturados com métodos participativos, bem como identifica lacunas e potencialidades. Como resultados apresenta uma proposição metodológica para produção de repertório de imagens a partir de um processo participativo.

*participatory design,  
participatory method,  
transgenders*

*This article reflects design from its traditional 20th century model to contemporary times, where new ways of making design are highlighted. It investigates methods that compose a participatory process between transgender users and the designer. It's a case study that takes place in the sexuality clinic attached to the Hospital Universitário Materno Infantil, due to the problem of inadequacy between an album for family planning and the therapeutic group of the sexuality clinic with transgender people who use this material for education and health promotion. The material they use during the meetings does not represent a corporeal structure of the transgender reality. This study is an exploratory research with systematic and unsystematic bibliographic review that investigates processes structured with participatory methods, as well as identifying gaps and potentialities. As a result, it presents a methodological proposition for the production of an image repertoire from a participatory process.*

---

### 1 Contexto

A sexualidade humana existe de forma complexa, em diversas expressões e possibilidades de estruturação. “A sexualidade é uma

parte integrante da vida de cada indivíduo que contribui para a sua identidade ao longo de toda a vida e para o seu equilíbrio físico e psicológico” (APF, não paginado, 2014). No que tange à sexualidade humana, compreende-se o seu aspecto plural, tendo ciência de que alguns indivíduos sentem não pertencer ao gênero identificado em seu nascimento, os transgêneros, que:

ao se deparar com sua inadequação identitária, em seu enfeitamento diário com o espelho e suas afetividades, os transgêneros alicerçam sua construção enquanto sujeitos, através dos agenciamentos que estes estabelecem entre o processo de liberação, do eu, que passa necessariamente pelo (re) modelamento de seus corpos (Figueiredo, 2016, p. 1).

O avanço tecnológico tornou possível intervir na inadequação entre órgão genital e identidade sexual com procedimentos cirúrgicos. Para dar início a sua transição (readequação genital), os transgêneros passam por transformações estéticas a começar pela hormonização, onde muitas vezes, esse procedimento é feito sem a devida orientação médica profissional (Varella, 2017) embora desde 2008, em alguns estados, o Sistema Único de Saúde (sus) oferece atendimento, ambulatorial (acompanhamento psicoterápico e hormonioterapia) e hospitalar (realização de cirurgias e acompanhamento pré e pós-operatório) (sus, 2011).

No hospital universitário Materno Infantil, localizado em São Luís, Maranhão, segundo a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, EBSEH (2018) desde 2016, oferece serviço de hormonioterapia e acompanhamento multidisciplinar a usuários que buscam o processo de redesignação. Para iniciar os atendimentos, o hospital conta com a presença de: assistente social, psicóloga e sexóloga, junto com médicos residentes e estagiários, constituindo o grupo terapêutico que se reúnem mensalmente. Para atender a demanda dos encontros e tratar questões pertinentes à educação sexual, prevenção, bem como acompanhamento psicoterapêutico dos transgêneros, o grupo de profissionais dispõe de um álbum seriado, formado principalmente de ilustrações, que serve de mostruário durante as reuniões, com o intuito de perceber a expectativa dos usuários em relação às transformações corpóreas, bem como promover o autocuidado e prevenção de enfermidades. Conforme identificado pelos usuários transgêneros, o material disponível não se adequa às suas necessidades de acordo com as estruturas físicas/corpóreas, não constituindo informação eficaz, uma vez que este recurso utilizado é oriundo do planejamento familiar, ou seja, possui ilustrações apenas de usuários cisgêneros.

Partindo da demanda de um projeto de design gráfico, por hora identificado a partir de entrevista aberta (Apêndice A) com a médica do grupo terapêutico que conduz as reuniões com os transgêneros, este artigo é uma pesquisa exploratória bibliográfica com revisão

sistemática e assistemática na literatura. É um estudo de caso que se formata no Hospital Universitário Materno Infantil (HU-UFMA), local onde se configura a demanda em que os integrantes do ambulatório de sexualidade, usuários transgêneros do Sistema Único de Saúde (SUS), não se identificam com as ilustrações do material disponibilizado para as reuniões de acompanhamento psicoterapêutico (Figura 1).

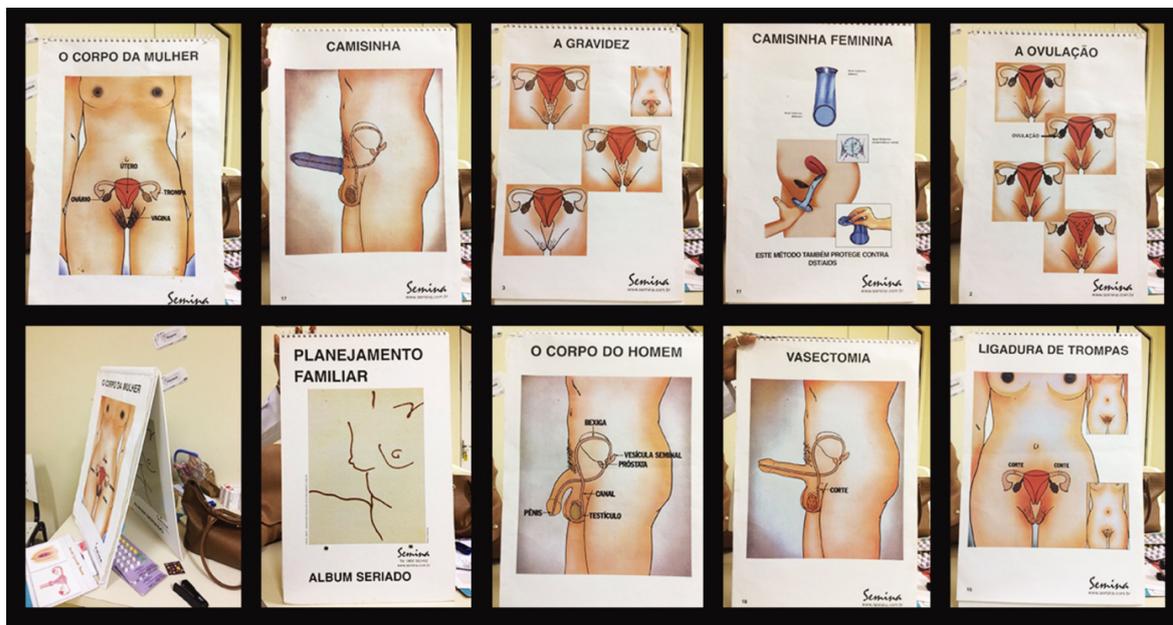


Figura 1 Álbum seriado cisgênero.

Durante a entrevista, constata-se a inadequação destas ilustrações de acordo com a realidade das pessoas transgêneras que fazem parte do ambulatório, uma vez que as imagens contidas no álbum seriado, representam um corpo heteronormativo. Dessa forma, o presente artigo tem por objetivo propor um percurso metodológico participativo no intuito de desenvolver representações simbólicas que possam servir de apoio para desenvolvimento de ilustrações que correspondam à realidade do corpo transgênero.

## 2 Novas formas de fazer design

O modelo tradicional de design do século xx deu origem ao design como atividade voltada para projeto de produtos, ainda na proposta de produção em série (Manzini, 2017). Esse processo de industrialização, para Rafael Cardoso (2008), significou a “reorganização da fabricação e distribuição de bens para abranger um leque cada vez maior e mais diversificado de produtos e consumidores” (Cardoso, 2008, p. 22).

Cronologicamente, percebe-se ainda hoje que tal modelo tradicional de fazer design não está distante e, na contemporaneidade, outros

modos do fazer se evidenciam, o que reforça a multidisciplinaridade do design ao ampliar-se em sua atuação: “(de produtos a serviços e a organizações), de envolver novos atores (de especialistas em outras áreas a usuários finais) e de transformar suas relações com o tempo (de processos fechados a processos abertos)” (Manzini, 2017, p. 68).

A autora Mônica Moura (2014), em seu livro sobre o design brasileiro contemporâneo, cita que no tempo presente o desafio que surge é o de compreender as dinâmicas que envolvem o ser humano, e para compreendê-las precisa-se observar o cotidiano, anseios e inconstâncias:

Afinal, o cotidiano não é apenas construído entre algumas paredes, com temperaturas e iluminação reguladas, com uma atmosfera única e precisa, nem as cores são constantes, nem o espaço interno é permanente, os objetos não são os mesmos, nem são eternos. Há sempre um clima de mudança no ar. O entorno é alterado, modificado a cada passagem. E há um corpo de massa física e orgânica, de constituição mental e psíquica, de relações espirituais e emocionais, tudo isso permeado pela história, pelo ambiente natural e pelo ambiente construído, pelas experiências, lembranças, memórias, pelas ações do ser desse corpo, por seus ideais e pelas influências e aprendizados com os outros corpos que povoam os mesmos espaços e também por aqueles que povoam outros espaços (Moura, 2014, p. 19).

Nesse contexto, a autora sinaliza que essas dinâmicas influenciam diretamente no ser humano, precisamente por se tratar de um organismo vivo, passivo de sofrer mudanças e influências externas. É possível inferir que o fazer design tradicional se configura inviável diante de fatores complexos, assim como, o fazer design baseado em fatores singulares, ou seja, considerando apenas recortes específicos em um fenômeno, ainda que com foco no ser humano. Aliás, como indaga a autora: “existe design que não é feito para o ser humano?” (Moura, 2014, p. 18).

Abrir espaço para novos atores, significa ir além de trazer potenciais usuários para o âmbito do projeto. É preciso entender que o papel de atores vai além de facilitadores, cuja participação é mediada por especialistas como no design *thinking*, por exemplo. Nessa abordagem os usuários são reduzidos a fontes de informações, figuras passivas incapazes de projetar ou de tomar atitudes, uma vez que todo o processo é conduzido seja por administradores, designers ou engenheiros. Conforme cita Thomas Binder (2011), nos tempos atuais existe a demanda cada vez maior de equipes multidisciplinares em atuação, de acordo com uma prática em design que mudou de forma significativa:

(...) a prática em design está mudando drasticamente porque, por um lado, envolve cada vez mais equipes multidisciplinar, onde cientistas, engenheiros com diferentes especializações, arquitetos, e designers

cooperam. Por outro lado, a tecnologia desempenha um crescente papel na definição da prática dos designers, pois fornece ferramentas que aumentam a eficiência de suas ações e interações, enquanto introduzem restrições a sua fluidez. As ambições hegemônicas mencionadas acima, bem como a oclusão das diversas disciplinas, pressionam cada membro da equipe de design a tentar assumir uma posição de liderança, e isso afeta a qualidade da colaboração, geralmente até o ponto de falha (Binder et al., 2011, não paginado, tradução nossa).

Por meio de práticas que estimulem a participação de outros atores é possível descentralizar a figura do líder, seja ele designer, arquiteto, cientista ou engenheiro, para que este deixe de ser o centro do processo, o único capaz de realizar colocações, apresentar ideias e visões, reduzindo, tendenciando e conduzindo a uma única solução.

Envolver os atores na atividade projetual a partir das metodologias colaborativas e participativas é como cita Noronha (2017), chamado de design orgânico. Manzini (2017), considera que existem designers *experts*, aqueles que possuem conhecimento formal sobre a atividade projetual, e designers difusos, como cidadãos não especialistas em design: “todos são capazes de correr, mas nem todos participam de maratonas, e poucos se tornam atletas profissionais” (Manzini, 2017, p. 51). Para envolver pessoas em processos em design é necessário entender que enquanto especialista, o designer deve permitir e estimular a participação, bem como a capacidade dialógica dos atores, e isso é possível por meio do design participativo, quando esses mesmos atores conseguem dialogar livremente.

Diante de cenários cada vez mais complexos e ao tangenciar questões sociais relacionadas aos transgêneros, vale atualizar o posicionamento do designer no tempo presente e repensar os modelos tradicionais de fazer design, no entanto, como cita Moura (2014) “atuar com o contemporâneo é estender um olhar sobre o tempo presente, sem esquecer e indagar o passado, para só então ter possibilidades de inferir sobre o futuro” (Moura, 2014, p. 21). É com esse olhar no presente, consultando o passado e vislumbrando o futuro que será discutido a seguir, a participação de usuários no contexto de projeto em design.

## 2.1 Sobre design participativo

O design participativo surge nos anos 70, na Escandinávia, em uma aliança entre sindicatos e designers na tentativa de estabelecer a democracia no ambiente laboral quando o uso de sistemas de computadores fora introduzido. Segundo Ehn (2017):

Quando iniciamos os primeiros projetos sindicais de design participativo, que na época chamamos de abordagem de recursos coletivos, não apenas a língua norueguesa da estratégia de “produção local de conhecimento”

estava conosco, mas certamente também o idioma brasileiro da “pedagogia do oprimido”. Em retrospectiva, parece também que as duas estratégias se complementam – de cima para baixo e de baixo para cima. Um deles se concentra na descentralização organizacional para apoiar a “produção local de conhecimento” por meio do suporte central à ação local em questões conflitantes no local de trabalho. O outro enfatizava a aprendizagem local concreta como um veículo de libertação que se abre para o envolvimento em questões e conflitos sociais mais amplos (EHN, 2017, p. 9, tradução nossa).

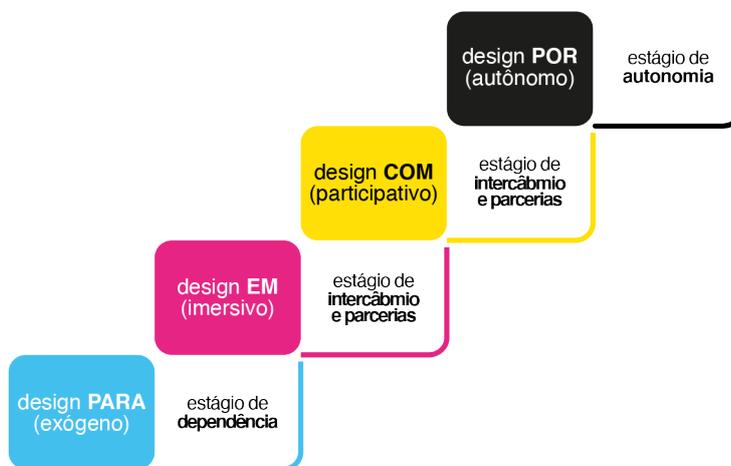
Para Ehn (2017), Paulo Freire na pedagogia do oprimido trata de questões sociais, enquanto a estratégia norueguesa era voltada para a produção local de conhecimento. Ambos são experiências participativas em que sindicatos colaboravam com designers na capacitação de trabalhadores e camponeses colaboravam com professores na formatação de um conjunto de material didático. No entanto, é preciso entender que o design participativo possui um objetivo, mas não significa necessariamente produzir apenas coisas materiais ou serviços, e sim, produzir também sentimentos, emoções e empoderamento e, indo mais além, participar não significa somente organizar tarefas e/ou administrar múltiplas perspectivas, uma vez que administrar representa a ideia de um único ator determinando quais passos serão utilizados para atingir um fim específico, tal fato se aproxima do design post-it como cita Manzini (2017), e se distancia de uma prática participativa:

*Design post-it* é uma maneira de conceber o processo de design que emerge a partir da ideia positiva de considerar todos os atores sociais, incluindo-se os cidadãos comuns, como recursos em potencial para a solução de um dado problema, ou seja, como pessoas com algo significativo a acrescentar ao processo de design. Certamente, a abordagem de design post-it é também motivada por uma reação contra o design do grande ego. O problema é que, ao partir dessa intenção de combater o design do grande ego, o design post-it acaba por transformar especialistas em design em atores administrativos, sem nenhuma contribuição específica a ser dada, a não ser auxiliar o processo com seus *post-its* (Manzini, 2017, p. 81).

Para participar é necessário entrar em contato com o outro, envolver-se com ele, através da colaboração e estabelecendo a empatia. Estar em campo apenas com uma abordagem observacional não é suficiente, Sanders (2002) cita tal posicionamento como informação observável, fazendo com que seja necessário acessar camadas mais profundas, ir além de apenas entrevistar pessoas no intuito de reafirmar precisamente aquilo que se quer ouvir: “compreendendo como as pessoas se sentem nos proporciona a habilidade de empatia com elas” (Sanders, 2002, p. 3) tradução nossa.

Envolver-se com o usuário parece ser uma premissa do design participativo, no entanto existem autores que defendem a participação classificadas em etapas. No livro *Design Participativo para o Ergodesign* (que será amplamente explorado neste capítulo por apresentar diversos métodos e técnicas participativas), Moraes e Santa Rosa (2012), levantam questões sobre as diferenças entre designers e usuários, aspectos cognitivos e culturais, e apontam que apesar de existir a participação, segmentada em níveis, usuários não são designers e designers não são usuários: “contudo, destaca-se que com o passar do tempo há uma tendência dos usuários envolvidos nas atividades no design, de mudarem sua forma de pensar e, por fim, apresentarem um modelo mental semelhante ao dos designers” (Moraes & Santa Rosa, 2012, p. 23). Diante desse cenário configura-se a seguinte indagação: quando ocorre a participação, os designers envolvidos não mudam sua forma de pensar e, por consequência, apresentam um modelo mental semelhante ao dos usuários? Nesse contexto, a reflexão deve ser posicionada sobre os níveis de inserção do usuário na prática de design para compreender as relações entre designers e usuários e entender que ambos exercem papéis fundamentais em um determinado processo, sem sobreposições.

Patrocínio (2015), na tentativa de ilustrar em etapas, apresenta a escada virtuosa do design e do desenvolvimento, figura abaixo:



**Figura 2** Escada virtuosa do design.

Nesse ponto, o autor apresenta os estágios: da dependência à autonomia relacionadas às fases de intervenção do design. Partindo da dependência, onde segundo o autor, trata-se de um design assistencialista, que atua ou se propõe atuar nas necessidades básicas à autonomia. Ainda segundo Patrocínio (2015), em crítica a Victor Papanek (2019):

Papanek (1985) advogava a ideia de “fazer design para as necessidades das pessoas em vez de para os seus desejos” (p. 234) – ideia que exclui o usuário do processo de design, atribuindo ao designer o papel de determinar o que seriam essas necessidades (Patrocínio, 2015, p. 58).

Em seu livro *Design para um mundo real*, conforme trecho supracitado acima, Papanek (2019) trata dos cinco mitos da filosofia de maioria dos designers industriais da época e ao final acrescenta: “Design para as necessidades das pessoas não para seus desejos, ou desejos criados artificialmente, é agora a única direção significativa” (Papanek, 2019, p. 234) tradução nossa. Nesse momento, Victor Papanek (2019), reflete sobre produtos puramente comerciais, supérfluos, em um comparativo às necessidades humanas básicas, em um cenário no qual os países desenvolvidos caminhavam para a massificação de bens de consumo, enquanto países ‘subdesenvolvidos’ ou em desenvolvimento, não possuíam recursos básicos e primários. Sobre esses contrastes entre desenvolvido e subdesenvolvido, centro e periferia que Bonsiepe (2012) sintetiza de forma clara os enfoques que o design pode dar:

Há basicamente, dois tipos de enfoque do design, dependendo da perspectiva em que são formulados: Centro ou Periferia. O enfoque a partir do centro: «Design é um processo de transformar sonhos em realidade.»<sup>1</sup>. O enfoque a partir da Periferia: «Design é um processo de transformar a realidade em um sonho» (Bonsiepe, 2012, p. 64).

Ainda que Papanek (2019) apresentasse um design voltado para as necessidades básicas, o que parece básico em uma determinada classe social, não se configura como básico para as outras camadas da sociedade, e tal disparidade não pode deixar de ser levada em consideração quando pensa-se em incluir os atores, principalmente atores que são uma parcela da comunidade transgênera, usuários do sistema único de saúde, um sistema público.

Dessa forma, não parece legítima a ressalva de Patrocínio (2015) sobre excluir o usuário do processo de design, ao tratar de necessidades, ainda que básicas, não anulam necessariamente a participação do usuário, toma-se como exemplo o estudo de caso desta dissertação, que identifica usuários transgêneros com necessidades de estima, realização pessoal (Barros et al., 2019). Aliás, como poderia Patrocínio (2015) criticar a exclusão do usuário no processo de design se o mesmo sugere o design como capacidade intrínseca do designer:

(...) no texto de introdução de uma exposição ocorrida em 2012 no Rio de Janeiro (*O Design da Favela*, Centro Carioca de Design), os curadores descrevem o que eles chamam de *design da favela* como o “design empírico, informal e espontâneo que nasce e vive nestas comunidades”. Essa abordagem remete às ideias de Papanek e seu *empoderamento* do indivíduo – qualquer indivíduo – como designer. É aqui que a ação

de conceber/criar alguma coisa (ou o design como verbo) começa a ser confundida com uma atividade para a qual o designer se qualifica extensivamente, pratica sistematicamente, e abraça como profissão (Patrocínio, 2015, p. 67).

Sobre a escada virtuosa, no exógeno/*Design Para*, Patrocínio (2015) defende que se trata de um design de intervenção, voltado para o assistencialismo e focado nas necessidades. Designers atuam baseando-se em pesquisas sobre o local para desenvolver propostas de intervenção, ou seja, não existe uma troca ou contato direto. Imersivo/*Design Em*, segundo o autor, embora ainda seja de caráter intervencionista, existe contato com parceiros (imersivo) e os designers absorvem características culturais e conhecimentos locais ao passo em que realizam mapeamentos. No participatório/*Design Com* as parcerias estão estabelecidas e solidificadas. Neste nível o designer introduz seus conhecimentos técnicos somado aos da comunidade (conhecimento tácito). Segundo Patrocínio (2015), no *Design Com* ainda existe a figura de um líder, capaz de gerenciar os processos a partir de seu conhecimento. Por último, o nível autônomo/*Design Por*, trata-se de um nível elevando de autonomia. Pode-se citar como exemplo as comunidades criativas e de artesãos e que ainda podem existir parcerias e intercâmbios, no entanto, desenvolve-se nesse nível um design 100% local.

É no *Design Com* (design participativo) que se encontra a oportunidade de interagir com a comunidade transgênera integrante do grupo terapêutico presente no Hospital Universitário Materno Infantil (HU-UFMA), dando-lhes o local de fala, introduzindo o conhecimento técnico junto ao conhecimento tácito dos atores envolvidos. Assim, no intuito de trazer os usuários transgêneros para dentro dos processos de design, configura-se o seguinte questionamento: qual metodologia seguir para estabelecer a participação com usuários transgêneros?

### 3 Abordagem metodológica

Em busca de compreender quais métodos podem apoiar a participação dos usuários em um processo de design, fora realizado um mapeamento de metodologias participativas no intuito de identificar quais métodos e/ou ferramentas poderiam atender a este estudo e como esses mesmos são utilizados em processos participativos, tendo em vista as especificidades de cada demanda. Dessa forma, uma Revisão Sistemática na Literatura (RSL) fora necessária para compreender como e quais são as metodologias participativas no design. O protocolo fora aplicado na plataforma online do Participatory Design Conference (PDC) que reúne trabalhos sobre design participativo os quais são submetidos para o evento que ocorre sazonalmente. Dessa forma, recorreu-se aos estudos publicados no site do PDC.

Para identificar potenciais lacunas e tensões, uma busca sistemática fora realizada nas bases de dados SciELO e Scopus. Tal busca, apontada por Obregon (2017), RSL, que busca identificar pesquisas realizadas sobre o objeto de estudo. Conforme Obregon (2017):

A RSL é um método de pesquisa bibliográfica que objetiva um processo de levantamento de dados, onde são exigidas revisões rigorosas de publicações acadêmicas que permitam mapear evidências sobre determinado tema na área pretendida. É possível inferir que a RSL é uma revisão planejada em etapas sistemáticas, a fim de responder uma questão específica, tendo como base norteadora dos processos, descritores previamente definidos (Obregon, 2017, p. 13).

Dessa forma, para sistematizar e formatar a RSL, fora estabelecido um protocolo, conforme Quadro 1.

<b>Base de dados:</b>	Participatory Design Conference <a href="http://pdcproceedings.org">http://pdcproceedings.org</a>
<b>Tipo de documento:</b>	Todos os resultados.
<b>Área de Concentração:</b>	Design da Informação e Comunicação.
<b>Período:</b>	2015-2020 (05 anos).
<b>Idioma:</b>	Inglês
<b>Critérios de inclusão:</b>	Pesquisas que apresentem metodologias participativas.
<b>Critérios de exclusão:</b>	Pesquisas que não apresentem metodologias participativas.

**Quadro 1** Critérios de busca.

Para esta busca utilizou-se apenas os vocábulos *participatory methods* como palavras-chave para obtenção de resultados, não sendo combinadas com outras palavras. Optou-se por realizar a busca apenas no idioma inglês em função da prevalência de estudos publicados neste idioma. O Quadro 2 ilustra o conjunto de consideração inicial.

Nesta etapa da pesquisa os resultados obtidos através da RSL evidenciaram o total de 14 resultados para a combinação de palavras-chaves supracitadas. Após leitura e reflexão aprofundada dos estudos, identificou-se que 11 destes apresentam métodos e ferramentas e técnicas, bem como uma descrição dos procedimentos utilizados, que servirão de base para o que será discutido no capítulo metodológico. A seguir, no Quadro 3, apresenta-se uma breve síntese de cada estudo.

COMBINAÇÕES <i>inglês</i>	RESULTADOS
#01: <i>participatory methods</i>	14
Artigos selecionados:	11
Artigos excluídos:	03

**Quadro 2** Conjunto de considerações iniciais.

<i>Participatory Methods</i>	CONTEÚDO
<sup>01</sup> Empowering people with impairments: how participatory methods can inform the design of empowering artifacts. (Jelle van Dijk et al.)	A pesquisa apresenta um workshop que tem como objetivo principal utilizar melhores práticas através de métodos participativos em processos de projeto para capacitação de usuários com deficiência.
<sup>02</sup> What you gain and what it takes: a student's reflection on a participatory design project. (Donna Stam; Boudewijn Boon)	Reflete sobre habilidades e qualidades pessoais e profissionais a serem desenvolvidas na formação do designer.
<sup>03</sup> Expanding participation participatory design in technology agenda-setting. (Marie Lena Heidingsfelder et al.)	Apresenta uma metodologia desenvolvida para integração e incentivo de participação de leigos no processo de IHC no desenvolvimento de produtos tecnológicos.
<sup>04</sup> Giving a voice through design: adapting design methods to enhance the participation of people with communication difficulties. (Roisin McNaney et al.)	Apresenta métodos para processos participativos de pessoas com dificuldades de comunicação.
<sup>05</sup> Anchoring and transcendence: PD as an 'enabler' in quality of life. (Niels Hendriks et al.)	Sugere métodos de P.D para condução de ganhos secundários através dos pontos de ancoragem e transcendência a partir de processos participativos. Apresenta design sob medida e avalia qualidade de vida de pacientes com diabetes tipo 1.
<sup>06</sup> Evaluation in participatory design: a literature survey. (Claus Bossen et al.)	Analisa artigos publicados no PDC entre 90_2014 e identifica/avalia lacunas nos objetivos formais e ausência de procedimentos metodológicos detalhados.
<sup>07</sup> Designing in "constellations": sustaining participatory design for neighborhoods. (Karl Baumann et al.)	Investiga técnicas de participação ao longo do tempo em torno do mobiliário urbano que se tornam pontos de contato combinando fluxos físicos e digitais. Investiga a reinvenção do mobiliário urbano.

**Quadro 3** Síntese dos resultados da RSL no PDC (continua).

<i>Participatory Methods</i>	<b>CONTEÚDO</b>
08 Of kittens and kiddies: reflections on participatory design with small animals and small humans. (Yoram Chisik et al.)	Explora as semelhanças e diferenças em processos participativos que são enfrentadas por pesquisadores das áreas de interação animal e interação infantil.
09 Exploring user gains in participatory design processes with vulnerable children. (Selina Schepers et al.)	Explora as semelhanças e diferenças em processos participativos que são enfrentadas por pesquisadores das áreas de interação animal e interação infantil.
10 Critical participatory design: reflections on engagement and empowerment in a case of a community based organization. (Mamello Thinyane et al.)	Reflete sobre o P.D e o envolvimento da equipe de organização comunitária para apoiar os serviços de assistência aos sem-tetos.
11 The library of engagements. (Emily Crompton.)	Reflete sobre a importância da disseminação da participação da comunidade no espaço público construído.
12 Does AI make PD obsolete?: exploring challenges from artificial intelligence to participatory design. (Tone Bratteteig et al.)	Reflete sobre as novas tecnologias (de inteligência artificial) em comparação aos processos de P.D.
13 De Andere Markt: transferring imaginations of work. (Liesbeth Huybrechts et al.)	Apresenta a participação como fator de mudança no futuro do trabalho diante da escassez de oportunidades de emprego. Sugere um espaço colaborativo, uma incubadora de ideias como iniciativa.
14 Voicing values: laying foundations for ageing people to participate in design. (Tuck Wah Leong; Toni Robertson.)	Reflete sobre métodos e ferramentas úteis para apoiar pessoas idosas a expressarem valores e a participarem de processos de design.

**Quadro 3** Síntese dos resultados da RSL no PDC (conclusão).

No resultado 06 os autores discutem sobre a importância de sistematizar objetivos formais e métodos em pesquisas com design participativo e assim realizaram uma busca sistemática em estudos publicado na plataforma on-line do PDC entre 1990-2014, e apontam que:

As avaliações do design participativo sofrem de falta de clareza: nossa pesquisa revela uma série de fragilidades na área de avaliações de PD de processos e resultados. Primeiro, os trabalhos raramente se referem um ao outro e parece iniciar a avaliação do zero. Segundo, em muitas instâncias, o método e as formas de análise não são claros, principalmente com relação ao papel dos avaliadores (pesquisadores / gerentes de projetos / participantes) e estabelecimento de critérios.

Terceiro, os documentos fazem pouco uso da teoria e literatura de avaliação existentes (Bossen et al., 2016, p. 158, tradução nossa).

De acordo com os autores Bossen, Dindler e Iversen (2016), essa sistematização de objetivos e métodos nas práticas do design participativo que contribuem para seu fortalecimento bem como fortalecem o aprendizado e a construção do conhecimento.

A partir dos estudos identificados na RSL na plataforma on-line do PDC, formatou-se um quadro no intuito de reunir dados relevantes para compreender quais métodos são utilizados em abordagens participativas. Essa formatação facilita visualizar a sistematização de um procedimento metodológico, levando em consideração fatores importantes para execução como: o tempo, participantes, método, ferramentas e/ou técnicas. Os dados a seguir foram extraídos da síntese dos estudos supracitados (Quadro 4).

<b>Título</b>	<b>método</b> ferramenta/técnica	<b>participantes</b>	<b>tempo</b>	<b>objetivos</b>
01 Empowering people with impairments: how participatory methods can inform the design of empowering artifacts.	workshop método narrativo	20	03 sessões: manhã; tarde.	promover participação
02 What you gain and what it takes: a student's reflection on a participatory design project.	sessões generativas	3 / 4	03 sessões: 01 hora.	prototipar sala de exercícios
03 Expanding participation participatory design in technology agenda-setting.	workshop storytelling prototipação	106	03 sessões.	promover participação de leigos.
04 Giving a voice through design: adapting design methods to enhance the participation of people with communication difficulties.	workshop	10 / 15	01 dia.	gerar métodos.
05 Anchoring and transcendence: PD as an 'enabler' in quality of life.	workshop	10	01 dia.	refletir participação e transcendência
07 Designing in "constellations": sustaining participatory design for neighborhoods.	workshop prototipação	10 / 25	N / C	prototipar mobiliário urbano
08 Of kittens and kiddies: reflections on participatory design with small animals and small humans.	workshop	10 / 25	01 dia 05 sessões.	criar plano de ação
09 Exploring user gains in participatory design processes with vulnerable children.	workshop observação participante desenho	25 / 35	03 fases: 03 meses.	promover participação com crianças
10 Critical participatory design: reflections on engagement and empowerment in a case of a community based organization.	prototipagem brainstorming discussão	N / C	06 sessões	projetar elementos de UI.
13 De Andere Markt: transferring imaginations of work.	workshop	N / C	01 sessão	prototipar estações de trabalho colaborativas
14 Voicing values: laying foundations for ageing people to participate in design.	workshop speed dating diagrama de afinidades	08	01 dia	refletir sobre uso de tecnologia

**Quadro 4** Métodos participativos.

Conforme observa-se no quadro acima, após mapeamento e síntese de cada estudo, é possível inferir que para que a participação aconteça é necessário inserir o usuário nas etapas projetuais e projetar com os usuários, dos primeiros encontros à prototipação final e/ou apresentação dos resultados. Apesar dos estudos apontarem a ausência de uma estrutura rígida, a saber de um método pré-estabelecido, ferramentas, quantidade de participantes e objetivos, para que uma metodologia participativa se estabeleça, identifica-se que tal formatação é necessária, uma vez que o fortalecimento do design participativo segundo Bossen et al. (2016), se dá através da sistematização do percurso metodológico, bem como uma clara definição dos objetivos da pesquisa ou projeto participativo, o que reforça também a construção do conhecimento e do aprendizado.

### 3.1 Estudo de caso

Pensando em atender a demanda do estudo de caso, ilustrações que representem o corpo transgênero, através de uma busca assistemática na literatura fora possível identificar métodos que possibilitam a formulação de repertório de símbolos gráficos, apontados por Formiga (2011) e são igualmente discutidos no livro ergodesign participativo dos autores Moraes e Santa Rosa (2012). Tal repertório de símbolos podem dar suporte ou oferecer subsídios para desenvolvimento de ilustrações do corpo transgênero a partir da compreensão e possibilidades de estruturação, no que tange à pluralidade de possibilidades da realidade dos usuários transgêneros.

No livro Design Participativo, técnicas para inclusão de usuários em processos de ergodesign de interfaces, é possível identificar métodos para facilitar a participação de usuários como o título sugere. Diferente do Design participativo escandinavo, a participação a partir do ergodesign é pautada em etapas (apoiadas por métodos, ferramentas e técnicas), e não necessariamente parte de um processo político, social ou democrático. Nele, é possível conduzir o processo levando a proposição do método, diferente do participativo escandinavo, em que esse desenvolvimento é feito em campo junto aos atores envolvidos.

Moraes e Santa Rosa (2012), apresentam em seu livro um total de 28 técnicas que podem ser utilizadas em uma abordagem participativa no processo de ergodesign de interfaces, entretanto, de acordo com a especificidade deste estudo de caso, a seguir são apresentados métodos que foram identificados para se trabalhar em busca do objetivo deste artigo. São eles: método de produção, e método de reidentificação. Tais métodos se encaixam com a proposta dessa pesquisa por produzir e validar repertório de símbolos e validá-los, garantindo assim a validação do que fora produzido.

O método de produção, segundo Moraes e Santa Rosa (2012), consiste na produção de símbolos gráficos representados pelos usuários por meio de conhecimento de imagens mais representativas para eles.

A autora Eliana Formiga (2011) cita que “neste método formativo, os participantes da pesquisa reproduzem em desenho, conceitos que foram expressos verbalmente ou por escrito numa pré-apresentação” (Formiga, 2011, p. 43). Dessa forma, podemos inferir que não apenas símbolos gráficos, mas sim desenhos, que os usuários possuem em seus modelos mentais. Esse método se apresenta adequado para parte da proposição desta pesquisa, uma vez que se objetiva trabalhar de forma participativa com usuários transgêneros, ou seja, eles serão estimulados a representar a compreensão do próprio corpo, indicando possibilidades de estruturação entre corpo e membros.

Neste método, para compreensão do corpo transgênero e das possibilidades de estruturação entre corpo, membros e órgãos genitais, deve-se solicitar aos participantes, que representem livremente à mão com auxílio de lápis e borracha, e de acordo com sua compreensão, órgãos internos e externos da mulher trans e do homem trans, respectivamente como sugere a Figura 3.



**Figura 3** Método de produção.

Após a aplicação deste método, espera-se obter um repertório de símbolos/desenhos/ilustrações que representem órgãos genitais e órgãos internos. Ressalta-se que o designer, deve estar disponível para quaisquer questionamentos que possam surgir durante a sua aplicação. Aos usuários que alegarem não saber desenhar, pode ser permitido o uso de palavras, termos e conceitos. A participação é de livre e espontânea vontade, todos os 20 participantes transgêneros do grupo terapêutico podem participar. Estima-se que sua aplicação dure cerca de 01 encontro, deixando o usuário livre.

Para sua execução, uma folha de papel com espaço suficiente para cada desenho deve ser oferecida ao participante, com uma explanação

oferecida previamente, de acordo com os objetivos do que se pretende investigar. Ainda segundo Formiga (2011), o objetivo deste método é avaliar o repertório das imagens que são relacionadas aos conceitos citados anteriormente. Ainda segundo a autora, os desenhos não estão disponíveis para julgamentos estéticos, e sim, para compreensão do repertório dos usuários.

O método de reidentificação, segundo Formiga (2011) consiste em uma validação do que fora produzido anteriormente no método de produção. “É possível avaliar por este método a facilidade de compreensão e de memorização de cada conceito vs. símbolo. Ele pode ser feito através de imagens impressas ou projetadas” (Formiga, 2011, p. 49). Dessa forma, esse método pode ser aplicado com uma segunda amostragem da mesma população transgênera, ou seja, com usuários que não participaram da primeira etapa, como forma de validar os desenhos retirados da produção do método anterior.

Para aplicação deste método sugere-se a preparação de um *toolkit* com papel em branco, canetas tipo marcadores, cola, e todo o repertório produzido no método de produção. Este repertório de símbolos/ilustrações/desenhos pode ser disponibilizado a partir de recorte de papel feito nas fichas do método da etapa anterior. Dessa forma produzindo pequenos agrupamentos de peças que possam ser coladas em uma nova folha em branco.

Deve-se pedir aos participantes deste método, que colem na folha em branco, as figuras que mais representam o corpo transgênero do homem e da mulher, respectivamente. Dessa forma este novo grupo, validará aquilo que fora produzido antes. Deve-se também, deixar claro, durante a aplicação deste método, a importância e liberdade de adicionar conceitos, palavras, termos, ou novos desenhos, que o transgênero considere importante ou tenha classificado como faltante nos agrupamentos de recortes disponíveis. Estipula-se o tempo de uma sessão para este método e o objetivo do mesmo é validar o repertório produzido no método de produção.

Após esgotarem as preposições, cada colagem deve ser registrada e colecionada para compreensão e análises posteriores. Espera-se obter uma série de colagens que auxiliem na compreensão da estruturação do corpo transgênero e assim, oferecer subsídios para pensar as ilustrações que podem compor um álbum seriado para pessoas transgêneras, bem como outros produtos.

#### **4 Considerações finais**

O papel do designer na contemporaneidade passa a ser o de fomentador de livre escolha, a partir de então, oferecer suporte para que os outros possam se engajar cada vez mais e, assim, refletir e articular mais e novas formas de abordar e de atuar em campo. Apoiado em metodologias participativas se pode construir ferramentas capazes de provocar e estimular esse outro de maneira mais profunda;

experts e designers difusos colaboram de forma simultânea em direção a um objetivo.

Após refletir a proposição de métodos que compõem um processo participativo é possível inferir que essa é uma alternativa viável, uma vez que tratou-se diretamente com uma comunidade com necessidades, desejos e aspirações intrínsecas e particulares, e não parte-se simplesmente para a prática do projeto pensado e idealizado a partir de uma concepção cisgênera. No entanto, como todo processo, este também apresenta suas particularidades e restrições, deixando assim, espaço para outras inferências e reflexões sobre seu uso, aplicação e desdobramentos permitindo, assim, possibilidades de estudos futuros.

Os métodos propostos por Formiga (2011), servem para atender à demanda configurada a partir desta pesquisa. Servem também para refletir sobre a percepção do trans em relação ao corpo. Corpo este que não é padrão, que não pode ser determinado como um modelo a ser seguido, faz-se, portanto, perceber a fluidez desse corpo no imaginário das pessoas transgêneras. O que fora produzido aqui, serve de requisito para outras propostas. Os métodos de produção e de reidentificação podem servir como sessão generativa para outras proposições, se encaixando nos conceitos de metadesign e provótipos.

As proposições realizadas pelos transgêneros proporcionam insights para pensar em produzir o material gráfico a partir do entendimento e da expressão do corpo do usuário transgêneros através do design gráfico e da representação simbólica.

## Referências

- Associação para o Planejamento da Família. (12 jul. 2014). *Sexualidade*. <http://www.apf.pt/sexualidade>
- Barros, L. de O., Lemos, C. R. B., & Ambiel, R. A. M. (2019). Qualidade de vida e satisfação com a imagem corporal de transexuais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(1), 184–195. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARB2019v71i1p.184-195>
- Binder, T., Michelis, G., Ehn, P., Jacucci, G., Linde, P., & Wagner, I. (2011). *Design things*. London: MIT press, 2011.
- Bonsiepe, G. (2012). *Design como prática de projeto*. São Paulo: Blucher.
- Bossen, C., Dindler, C., & Iversen, O. S. (2016). Evaluation in participatory design: a literature survey. *PDC '16: Proceedings of the 14th Participatory Design Conference*, 1, 151–160. <https://doi.org/10.1145/2940299.2940303>
- Cardoso, R. (2008). *Uma introdução à história do design* (3. ed.). São Paulo: Blucher.
- Ehn, P. (2015). Learning in participatory design as I found it (1970–2015). In B. DiSalvo, J. Yip, E. Bonsignore, C. DiSalvo (Eds.), *Participatory design for learning: perspectives from practice and research* (pp. 7–21). New York: Routledge.
- Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. (2018). Ambulatório de sexualidade atende pessoas em transição de gênero. <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-nordeste/hu-ufma/comunicacao/noticias/ambulatorio-de-sexualidade-atende-pessoas-em-transicao-de-genero>

- Figueiredo, A. (2016). Você já ouviu falar na dor da beleza? Experiências, corpo e afetividades na identidade de gênero. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 7, 1–8. [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/A/Adrianna\\_Figueiredo\\_16.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/A/Adrianna_Figueiredo_16.pdf)
- Formiga, E. (2011). *Símbolos gráficos: métodos de avaliação de compreensão*. São Paulo: Blucher.
- Manzini, E. (2017). *Design: quando todos fazem design. Uma introdução ao design para a inovação social*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Moura, M. (2014). *Design brasileiro contemporâneo: reflexões*. São Paulo: Estação das letras e cores.
- Moraes, A., & Santa Rosa, J. M. (2012). *Design participativo: técnicas para inclusão de usuários no processo de ergodesign de interfaces*. Rio de Janeiro: Rio Books.
- Noronha, R. (2017). O designer orgânico: Reflexões sobre a produção do conhecimento entre designers e louceiras em Itamatatua – MA. In A. J. Oliveira, C. Franzato, & C. Del Gaudio (Eds.), *Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil* (pp. 277–294). São Paulo: Blucher. <https://openaccess.blucher.com.br/article-list/9788580392661-351/list#undefined>
- Obregon, R. F. A. (2017). *Perspectivas de pesquisa em design: estudos com base na Revisão Sistemática de Literatura*. Erechim: Editora Deviant.
- Papanek, V. (2019). *Design for the real world* (3rd ed.). London: Thames & Hudson.
- Patrocínio, G. (2015). Design e os países em desenvolvimento: A dialética entre o design para a necessidade e o design para o desenvolvimento. In G. Patrocínio, & J. M. Nunes (Eds.), *Design e desenvolvimento: 40 anos depois* (pp. 55–74). São Paulo: Blucher.
- Sanders, E. B. N. (2002). From user-centered to participatory design approaches. In J. Frascara (Ed.), *Design and the social sciences: Making connections* (pp. 1–8). London: Taylor & Francis. <https://doi.org/10.1201/9780203301302>
- Sistema Único de Saúde. (2011). *Cartilha equidade*. <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/fevereiro/18/CARTILHA-Equidade-10x15cm.pdf>
- Varella, D. (2017). Como funciona o sus para pessoas transexuais? *Drauzio*. <https://drauziovarella.uol.com.br/sexualidade/como-funciona-o-sus-para-pessoas-transexuais/>

## Apêndice

### Roteiro para entrevista aberta com médica integrante do grupo terapêutico

Esta entrevista tem por objetivo, entender a demanda por projeto de design gráfico identificado a partir da inadequação do álbum seriado utilizado durante as reuniões com o grupo de apoio (grupo terapêutico) para pessoas transgêneras que se reúnem no Hospital Universitário Materno Infantil.

A sua contribuição, participando nesta entrevista, consistirá em responder a algumas perguntas relacionadas às temáticas anteriormente citadas, logo, irá colaborar para o desenvolvimento do conhecimento na sociedade.

#### Entendendo sobre o grupo a partir do ponto de vista da médica:

1. O grupo tem se reunido durante a pandemia? Como?
2. Quantos integrantes fazem parte do grupo terapêutico?

*R.: 03 grupos de 20 pessoas. Total de 60 pessoas.*

3. Como funcionam os encontros (duração, momentos, interação)?

*R.: Os encontros acontecem uma vez por mês, com duração de aproximadamente 01 hora e meia a duas horas. Com dinâmicas ou temas para reflexão. Muitas vezes os integrantes levam um assunto que não tem relação com o que fora programado por nós (profissionais de saúde). Muitas vezes alguém acaba comentando que sofreu assédio moral em um ônibus a caminho para o encontro:*

*– Médica: “Oi ‘fulano’ está tudo bem? Tu estás distante!”*

*– Médica parafraseando uma pessoa trans: “Ai gente, passei uma coisa horrível. Vinha no ônibus e tive que descer porque quase apanhei. Um cara ficou me encarando, começou a falar um monte de grosserias pra mim. Estou me tremendo até agora.”*

*– Médica parafraseando uma outra pessoa trans: “eu teria brigado! É por isso que eu nem gosto de sair de casa.”*

*Médica: “Quando encontramos situações como essa, esquecemos o papel” (em alusão as atividades, dinâmicas ou leituras programadas para o encontro). “Abrimos a discussão para o grupo. Perguntamos a reação deles em relação a isso. Começamos uma conversa em grupo.”*

*Médica: “O importante para a gente é sempre aquilo que eles sinalizam. Todas as vezes a gente vai com algo para eles, mas nem sempre usamos um script nos encontros.”*

*Exemplo de temas, leituras trabalhadas: Estereótipos de gênero.*

*Exemplo de dinâmica: É proposto para eles (os transgêneros, integrantes do grupo terapêutico) imaginarem como eles estariam daqui há 10 anos. Para representar, pode ser feito em desenho ou em texto, como eles se imaginam fisicamente, como está no dia-a-dia, como está a vida amorosa. Cada um fez e cada um se colocava. (Material confidencial, não fora possível acessá-lo).*

*Médica: “Houve uma outra dinâmica em que fora perguntado para eles: como você entende a sua sexualidade? Como você entende a sexualidade do mundo? Pedimos para eles que representassem visualmente através de desenho ou em texto (para aqueles que não sabem ou conseguem desenhar):*

*Médica: “Um caso em especial, homem trans, pediu para mostrar o seu desenho. Com traços machistas, ele é machista assumido, traços bem marcantes, representou uma mulher em posição de quatro e um homem por trás dela. Na hora de explicar, perguntei para ele:*

*– Médica: Essa mulher está sentindo prazer?*

*– Médica parafraseando um homem trans: Eu acho que tá!*

*– Médica: Daria para ser de outra forma? Fiquei instigando, não sendo contra, nem a favor, mas fazendo perguntas.*

*– Médica parafraseando um homem trans: Doutora, tem mulher que gosta mesmo é de apanhar. Vou falar de forma clara, em português claro; é de socar mesmo, bagunçar mesmo.”*

*Médica: “Em uma outra parte do desenho, ele representa uma mulher poderosa, sentada a mesa e um homem sendo empregado dessa mulher, servindo-a.”*

*– Médica: E esse desenho aí?*

*– Médica parafraseando um homem trans: Essa é uma mulher que é dona da empresa e esse aqui é empregado dela. Essa mulher é poderosa! É doutora, porque mulher pode mandar!*

*Médica: “Um outro exemplo foi um garoto tinha feito uma declaração de amor para a namorada. Um menino trans fez para a namorada, filmou e mandou para o grupo, para a gente ver. Ele, ajoelhado, com*

*flores, pedindo a menina em namoro. Nesse dia, eram 04 homens trans, que começaram a comentar sobre o vídeo em si. E aí, nós deixamos a discussão aberta:*

*– Médica parafraseando um homem trans: Eu acho que ele tá se expondo demais. A gente não pode ficar fazendo isso porque as pessoas humilham a gente.*

*– Médica parafraseando um segundo homem trans: Ah, eu achei lindinho, gente.*

*– Médica parafraseando um terceiro homem trans: Sinto muito. Por que ele fez isso? Agora quando ele quiser surpreender ele vai ter que fazer mais que isso.*

*Médica: “No final da discussão nós fomos falar sobre o amor. Sobre traição, confiança, sobre dor que o amor trás. É muito livre e a gente sempre tenta não recriminar aquilo que tá sendo dito. Não estamos aqui para chamar a atenção de ninguém, aqui é um local de escuta. Precisamos falar, escutar, dar um retorno para saber se aquilo se sustenta, e etc. Não é local para problematizar.”*

### 3.1. Quem cria as dinâmicas?

*As vezes a assistente social com a psicóloga, as vezes a médica.*

## 4. Como você caracteriza o grupo em relação à participação das pessoas transgêneras?

*R.: Eles interagem bastante e são muito participativos.*

*Médica: “a gente faz de uma forma que todo mundo é convidado a se colocar. Então por exemplo, quando a gente fala do desenho, todo mundo tem que desenhar, e as vezes a gente faz em dupla. Eles conversam entre si, um desenha ou escreve. Todas as nossas dinâmicas são muito provocativas no sentido de cada um precisar se colocar. Eventualmente já aconteceu de um não querer falar. A gente respeita, a gente não força e em seguida a gente chama a pessoa, ou geralmente ela sinaliza com quem ela gostaria de falar, algum profissional do grupo.”*

### 4.1. Sobre as dinâmicas, como vocês as constroem? Elas são escolhidas prontas, ou é discutido com o grupo de profissionais?

*Médica: “Geralmente são modelos prontos. Retirados de algum livro. As minhas, gosto de trazer algo mais livre. Tem um que associei dança, buscando inspiração na biodança, algo olho no olho. Nesse dia teve a participação de uma psicanalista carioca e ela ficou surpresa de uma*

*forma bem positiva com o que viu e nos encontrou fazendo atividades com pessoas trans. Quando ela chegou, a gente já estava fazendo o atendimento, uma vivência, em formato de círculo, um por fora e o outro por dentro, cada pessoa com um par. Coloquei duas músicas que tocam bastante e pedi para olhar no olho, sente a chegada da presença e a dor da partida se é que ela existe. E vai fazendo esse movimento de olhar no olho, até que todo mundo reencontre o primeiro parceiro. Dançando. E foi uma coisa de louco para todo mundo que participou:*

*Médica parafraseando uma pessoa trans: Ah doutora eu não gostei. Porque olhar no olho, parecia que a pessoa tava me vendo todinha.*

*– Médica parafraseando uma pessoa trans: Me deu vontade de chorar.*

*– Médica parafraseando uma segunda pessoa trans: Me deu vontade de rir. Eu gostei de encontrar outras pessoas, foi bom.*

*Médica: É difícil olhar no olho, gente?*

*– Médica parafraseando uma pessoa trans: É difícil! Porque parece que o outro tá vendo a gente, que a gente não quer mostrar.”*

### **Entendendo sobre o álbum seriado a partir do ponto de vista da médica:**

1. Existe algum problema identificado no uso do álbum seriado?

*R.: Sim, ele é um formato único, muito limitado, pobre. É um álbum cis-heteronormativo.*

*Médica: “O álbum seriado é muito heteronormativo. Ele só dá uma possibilidade de sexo, o sexo pênis/vagina. Como se essas pessoas não praticassem outros tipos de sexo.”*

2. Como você identificou essa demanda?

*R.: No uso dele com os trans.*

*Médica: “O corpo da mulher no álbum seriado, é um corpo com seios e vagina. E aí, eu olhava para os trans e eles estavam assim: (fazendo expressão de careta). Eu não consegui usá-lo três vezes, porque ficava entediante. Não tem como falar de sexualidade mostrando algo que não são eles. E se uma pessoa tem disforia de gênero, como vou mostrar um corpo de mulher para uma mulher trans que tem um pênis. Eles não ficam calados, eles argumentam.”*

3. Em relação aos transgêneros, como você percebe a aceitação desse material?

R.: “Eles argumentam. Não tem aceitação:

– Médica parafraseando uma pessoa trans: “Doutora que corpo de mulher é esse? Isso é uma afronta a minha pessoa!”

Médica: “Me chamou a atenção desde a nomenclatura: corpo feminino! Isso não é um corpo feminino. E só me dei conta disso depois que comecei a lidar com pessoas trans. Um corpo de homem pode ser de várias formas, pode ter pênis, pode não ter pênis, pode ter vagina.”

#### 4. Quais pontos negativos das ilustrações? E positivos?

R.: Pontos negativos:

É muito engessado. Um padrão único.

Pontos Positivos:

As ilustrações são bem elaboradas.

Médica: “No álbum seriado o pênis está preso a um corpo heteronormativo. Eu preferiria que esses órgãos não estivessem fixos em um corpo. Você teria um corpo, que serviria para homem e mulher (assexuado) sem os órgãos e aí você montaria o corpo de uma mulher ou homem de acordo com a realidade que está a minha frente.”

#### 5. Quais melhorias você sugere para o álbum seriado?

R.: Um corpo assexuado e que seja livre para montar de acordo com as necessidades.

Médica: “O grande diferencial seria essa liberdade. Quando vamos falar de sexualidade a gente precisa falar desses órgãos. Se eu iniciar um encontro e colocar imagens de genitais femininos para pessoas trans as pessoas vão sair correndo. Você (ao fazer isso) estaria tocando na ferida da pessoa. Porque aqui é o corpo de mulher (médica demonstrando uma imagem do corpo cis feminino com seios e útero, em seu acervo pessoal) só que para a mulher trans que está ali na minha frente, ela não tem útero. O que ela quer é uma vagina e ela quer ter seios. E se eu mostrar o útero, vai tocar na ferida dela. Ao mesmo tempo se eu mostrar para o homem trans que tá ali, ele vai sair correndo. Se ele pudesse ele arrancaria do corpo dele (em relação ao útero), escutei isso nos encontros:

– Médica parafraseando uma pessoa trans: Eu se pudesse, arrancaria esse útero de mim.

*Médica: “É muito feminino menstruar, é muito feminino ter mamas. Então, quando eu coloco isso (imagem heteronormativa) eu atinjo em cheio os dois. (...) Ficou inviável dar esse conteúdo para eles. (...) Se eu utilizo a figura de um pênis para um menino trans, tudo o que ele queria no fundo era ter um pênis e aqui no Brasil essa cirurgia é experimental (faloplastia para pessoas trans), eu estaria falando de uma coisa que ele não vai ter. Se uma mulher trans olhar essa imagem, ela vai odiar. Porque ao ter relação sexual ela se exita e esse pênis vai ficar ereto. E tudo o que ela não quer, é que esse ‘homem’ apareça’, porque ela não é homem. (...) Dessa forma eu não tenho trabalhado imagem”*

### **Sobre os autores**

#### **Rafael Ricarte de Souza**

rafael\_ricart@me.com

Centro Universitário Estácio São Luís

São Luís, MA

#### **Ana Lúcia Alexandre de Oliveira Zandomeneghi**

ana.zandomeneghi@ufma.br

Universidade Federal do Maranhão

São Luís, MA

Artigo recebido em/*Submission date*: 2/12/2020

Artigo aprovado em/*Approval date*: 12/5/2021